

Congresso pode ajudar a evitar novas enchentes

A inundação do Rio Grande do Sul mostrou na prática que não   possível tratar de uma catástrofe dessa magnitude apenas na escala municipal.   preciso alargar o olhar para abranger toda a bacia hidrográfica. Como se viu, o nível da água em Porto Alegre em dia de céu azul pode subir devido   chegada da água precipitada horas ou dias antes em municípios localizados rio acima. O Guaíba demorou a baixar em 1941, e demora agora em 2024, devido ao represamento causado pela Lagoa dos Patos,  guas abaixo de Porto Alegre. Por sua vez, a Lagoa dos Patos demora a esvaziar por efeito dos ventos, das marés e da condi o hidráulica do estreito canal que a conecta com o mar.

Na atual emergência, tem sido fundamental contar com as previsões sobre o nível da água produzidas por modelos matemáticos que dependem das informa es disponibilizadas pela Agência Nacional de  guas – ANA.

A ANA também mant m uma “sala da situa o”, em articula o com institui es do setor elétrico, para operar as usinas hidroelétricas. Cuida-se de evitar o colapso de barragens, tendo em vista que já ocorreram vazões afluentes superiores   capacidade dos vertedores, projetados para a recorrência de 10 mil anos.

O alargamento do olhar para abranger toda a bacia   princípio basilar do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos – Singreh, gerido pela ANA. O Singreh adota a bacia hidrográfica como unidade de planejamento e gestão, e descentraliza o processo decisório por meio dos comitês de bacia.

Cada comitê   responsável pela formula o do plano para a respectiva bacia. Muitos planos não têm claras instru es sobre o que precisa ser feito, e por quem, para manter operacionais as estruturas hidráulicas construídas nos cursos de  gua. Isso precisa mudar. Não   mais possível dar muita aten o   inaugura o de obras públicas e pouca, ou nenhuma,   correspondente manuten o.

No caso específico de Porto Alegre – não das demais cidades gaúchas que também sofreram o flagelo - há razões para acreditar que a inunda o poderia ter sido evitada, ou ao menos mitigada, se a estrutura de prote o   cidade construída nos anos 70 do século passado, formada por 68 Km de diques, 14 comportas e 23 casas de bomba tivesse funcionado conforme

projetada. Não funcionou porque perdeu-se ao longo do tempo a percepção de quão importante seria manter o sistema perfeitamente operacional. Sem a ocorrência de significativos transbordamentos em décadas, as verbas e equipes técnicas foram sendo ceifadas por sucessivas administrações.

Há muitos outros casos no Brasil de definhamento institucional que resultam em riscos como o de Porto Alegre. Talvez a atual tragédia possa causar uma inflexão no desprezo por parte de quase toda a administração pública pela manutenção de infraestruturas. O Congresso pode e deve atuar para que, no caso de obras hidráulicas, o Singreh seja o indutor dessa inflexão. Para começar, deve rejeitar o PL 2918/2021 que, ao praticamente zerar o orçamento da ANA, manietta o funcionamento do Singreh.

Jerson Kelman

Engenheiro e colunista da Folha, foi professor da COPPE-UFRJ e dirigente da ANA, Aneel, Light Enersul e Sabesp

Publicado na Folha de São Paulo, 26/05/2024

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/05/congresso-pode-ajudar-a-evitar-novas-enchentes.shtml>

TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir a diversidade de opiniões do pensamento contemporâneo.

Neoliberalismo, extrema direita e as mortes no Sul

Governador e prefeito devastaram instituições

Eleonor de Luena

Jornalista e editora do TUTUMÉIA, ex-editora-geral da Folha (2000 a 2010)

Meus irmãos ainda recolhem o entulho do que sobrou da casa em que vivi na infância e adolescência no Menino Deus, em Porto Alegre. Submersos havia dez dias, móveis, roupas, papéis, livros, quadros, eletrodomésticos formam agora uma montanha de rejeitos na calçada. Em frangalhos e com o fedor de podridão, a história dali vai junto com os destroços reunidos pelos vizinhos: muitos deles moradores do lugar desde os anos 1960, quando o bairro começou a tomar forma, com calçadas largas, platâneos, cinamomos, escolas. Familiares e amigos ainda não sabem o que restou de suas casas. Nos históricos assentamentos do MST, pioneiros na produção orgânica na região metropolitana, as perdas de uma colheita de 10 anos foram imensas: produção, animais, estoque, maquinário. Pequenos agricultores viram a escuridão levar seus projetos, suas perspectivas de futuro. Nos abrigos, dezenas de milhares choram. Como é praxe no Brasil, são os mais pobres, os negros que mais sofrem com a lama, o frio, a perda, a desesperança. Mais de 160 pessoas morreram, dezenas ainda estão desaparecidas. Não precisava ter sido assim. As políticas neoliberais do governador Eduardo Leite (PSDB) e a voraz

destruição realizada pelo prefeito bolsorista Sebastião Melo (MDB) amplificaram em muito as consequências das chuvas. Submetidos aos interesses dos plantadores de soja, das construtoras e dos capitalistas que querem sugar tudo o mais rapidamente possível, o governador que posa de moderno e o prefeito da extrema direita cumpriram um roteiro já bem conhecido: devastaram as leis de proteção ambiental, demoliram instituições públicas com privatizações, desmantelaram órgãos de planejamento e sucatearam criminosamente sistemas que defendiam a capital gaúcha de inundações. Pior. Seguem com sua sanha predatória no meio da catástrofe. Tem pressa em entregar rascos do pedágio público a interesses privados, mirando negócios mirabolantes no processo de reconstrução. Rapidamente, fecham acertos com consultorias que integram o esquema da extrema direita mundial, cujo histórico é de jogadas que beneficiam os mais ricos e descartam os mais pobres, jogando-os para longe dos espaços governamentalizados, colonizados e deslumbrados. Ignoram o conhecimento acumulado de cientistas, engenheiros, urbanistas que, principalmente nas universidades, estudam essas questões há décadas.



Congresso pode ajudar a evitar novas enchentes

Agência de Águas é vital para gerenciamento hídrico

Jerson Kelman

Engenheiro e colunista da Folha. Foi professor da Coppe-UFRJ e dirigente da ANA, Aneel, Light, Enersul e Sabesp

A inundação do Rio Grande do Sul mostrou na prática que não é possível tratar de uma catástrofe dessa magnitude apenas na escala municipal. É preciso alargar o olhar para abranger toda a bacia hidrográfica. Como se viu, o nível da água em Porto Alegre em dia de céu azul pode subir devido à chegada da água precipitada horas ou dias antes em municípios localizados rio acima. O Guaíba demorou a baixar em 1941, e demora agora em 2024, devido ao represamento causado pela Lagoa dos Patos, águas abaixo de Porto Alegre. Por sua vez, a Lagoa dos Patos demora a esvaziar por efeito dos ventos, das marés e da condição hidráulica do estreito canal que a conecta com o mar. Na atual emergência, tem sido fundamental contar com as previsões sobre o nível da água produzidas por modelos matemáticos que dependem das informações

disponibilizadas pela Agência Nacional de Águas. A ANA também mantém uma "sala da situação", em articulação com instituições do setor elétrico, para operar as usinas hidroelétricas. Cuida-se de evitar o colapso de barragens, tendo em vista que já ocorreram variações afluente superiores à capacidade dos vertedouros, projetados para a recorrência de 10 mil anos. O alargamento do olhar para abranger toda a bacia é princípio basilar do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh), gerido pela ANA. O Singreh adota a bacia hidrográfica como unidade de planejamento e gestão e descentraliza o processo decisório por meio dos comitês de bacia. Cada comitê é responsável pela formulação do plano para a respectiva bacia. Muitos planos não têm claras instruções sobre o que precisa ser feito, e por quem, para manter

operacionais as estruturas hidráulicas construídas nos cursos de água. Isso precisa mudar. Não é mais possível dar muita atenção à inauguração de obras públicas e pouca, ou nenhuma, à correspondente manutenção. No caso específico de Porto Alegre — não das demais cidades gaúchas, que também sofreram o flagelo —, há razões para acreditar que a inundação poderia ter sido evitada, ou ao menos mitigada, se a estrutura de proteção à cidade construída nos anos 1970, formada por 68 km de diques, 14 comportas e 23 casas de bomba, tivesse funcionado conforme projetada. Não funcionou porque perdeu-se ao longo do tempo a percepção de quão importante seria manter o sistema perfeitamente operacional. Sem a ocorrência de significativas transbordamentos em décadas, as verbas e equipes técnicas foram sendo ceifadas por sucessivas administrações. Há muitos outros casos no Brasil de definhamento institucional que resultam em riscos como o de Porto Alegre. Talvez a atual tragédia possa causar uma inflexão no desprezo por parte de quase toda a administração pública pela manutenção de infraestruturas. O Congresso pode e deve atuar para que, no caso de obras hidráulicas, o Singreh seja o indutor dessa inflexão. Para começar, deve rejeitar o projeto de lei 918/2022 que, ao praticamente zerar o orçamento da ANA, menfiteia o funcionamento do Singreh.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Corte para si. Envie seu comentário. A3, São Paulo, CEP 07020-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço.

Políticos covardes

"Prefeito de Porto Alegre encontrou um culpado pelas enchentes" (Bruno Boghossian, Opinião, 25/5). Prefeito anterior, Nelson Marchezan Jr., do MDB, tucano como Eduardo Leite, extinguiu o Departamento de Esgotos Pluviais, que se reportava ao prefeito, para ser área subalterna de outra autarquia, terceirizando a privados a manutenção do sistema de esgotos e de bombas. Políticos covardes terceirizam e privatizam também para não assumir responsabilidades. RS na mão destes neoliberais mostra o mal que fazem. Daniel Vitorazzi (Dois Irmãos, RS)

Morte de diretor

Muitos dirão que os efeitos do experecimento ajudaram a matá-lo ("Morte de diretor de Super Size Mc Morgan Spurlock, de câncer aos 53 anos, nos EUA", Ilustrada, 24/5). Mas arrisco dizer que saúde e longevidade têm relação direta com genética e emocional. O resto tem pouco peso. Meu pai não consumia álcool, não fumava, comia verduras. Mas viveu inflamação difícil e era bipolar. Teve doenças, até câncer. Minha mãe foi filha amada. Fumou e bebeu pouco, alimentava-se sem rejeitos e exagerava no açúcar. Nunca adoeceu! Adriana Gomes da Silva (São Paulo, SP)

Infelizmente, não creio em punição de políticos. Vejo o governador do Rio. Cheio de provas robustas e consistentes contra ele, provando improbidade e abuso de poder, e ele foi inocentado. Aconteceu o mesmo no RS. Os únicos condenados serão os políticos que perderam tudo. Daniel L. de Souza Silva (Juiz de Fora, MG)

'Desvio de função'

Se a Bolívia quiser uma saída para o mar, só precisa de tanques com água. Molha os pés dos generais, e eles saem correndo ("Mourão justifica a guerra em socorro da Argentina por ter 70 anos e fala em 'desvio de função': veja vídeo", Brasília Hoje, 24/5). André Rygel (Porto Alegre, RS)

Unifesp

Durma com essa, reitora ("Unifesp só tem dinheiro para funcionar até setembro, diz reitora", Cotidiano, 24/5). Continuará sem verba, assim como não haverá manifestação de UNE, DAS, DCEs, movimentos estudantis, pois estão todos em conflito com o governo federal de plantão. Neste meio, predomina o "quem faz" e não "o que se faz". Daniel Marques (Guritiba, PR)

Indenização ou censura? Esse juiz deveria ficar agradecido à escritura, pois, de obscuro magistrado, está virando celebridade. Daqui a pouco é eleito senador por SC. Que ninguém duvide ("Caso de escritora condenada a indenizar juiz por obra de ficção é levado à OEA", Política, 25/6). Dario L. de Souza Silva (Porto Alegre, RS)

A autora mascarou as críticas por que sabe que não pode fazê-las diretamente. Então está usando a liberdade de expressão para se safar. Marcia Silva (Assislandia, PA)

Expectativa e realidade

É pena que sejam tão poucos os jovens que podem pagar os preços exorbitantes ("Com medo do futuro, geração Z começa a comprar imóveis", Mercado, 25/5). O pior é que é ilusão de ganho de qualidade de vida, porque viverão em cidades amontoadas entre paredes de prédios que sem recuos entre si, em ruas não dimensionadas para esta nova superpopulação. Avida em São Paulo está sendo destruída pelo interesse de lucro selvagem. José Bueno (São Paulo, SP)

ASSUNTO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR É A MELHOR FORMA DE INGRESSO NAS FACULDADES?

Não acho a partir do momento em que estudantes da rede privada realizam a mesma prova que os do ensino público, um ensino defasado e que pouco se importa com nosso estado, nosso estado. João Vitor Alves da Silva, 17 (Mauá, SP)

Como naturalmente precisa ter alguma forma de ingresso, o vestibular me parece mais justa, afinal, o corretor não vê a sua carta. Se o acesso é desigual, a culpa não é do vestibular, e sim da desigualdade social e da má qualidade do ensino básico público — estes, sim, devem ser corrigidos. Angra Andreara, 25 (São Paulo, SP)

Não. Acho que esse método é uma forma de pressão que deixa os vestibulandos nervosos e acaba validando outras pessoas que se preparam, muitas vezes, em cursos particulares. Elisama Kédyra Carneiro, 21 (Serro, ES)

Acredito o vestibular é forma legítima de ingressar nas faculdades, justamente pelo embasamento teórico carregado, e exige diversas habilidades para resolver problemas desenvolvidos na preparação. Caio Leonardo Munhoz, 19 (Belém, PA)

Além de ser uma forma de avaliação que serve apenas para um tipo de inteligência e negligencia todos os outros, ela faz mal à saúde mental. Eu passei mal durante o Enem e a Fuvest, me senti inferiorizada e "burra" durante os estudos. Layla Rodrigues, 18 (Mauá, SP)

Sim. Sistemas de acesso livre, que exigem apenas a conclusão do ensino médio, enfrentam a jubilação ao longo do ensino presuppõe uma excelente estrutura educacional. Rubens Monteiro de Souza, 66 (Rio de Janeiro, RJ)

Provas são um péssimo método de avaliação, pois são questões de matérias decoradas, e não conhecimentos importantes para o cotidiano. Ana Lys Malerba Redigolo, 18 (Catanduva, SP)

Sim. As provas buscam exercitar o conhecimento dos estudantes, diante de conteúdos elaborados para abordar os estudos. Nesse sentido, acredito que os vestibulares são a forma mais justa de identificar aqueles que buscam conhecimento para aplicar nas provas e ingressar nas universidades. Jefferson Antonovics, 29 (Porto Alegre, RS)

Não, ainda mais para instituições públicas. Todos os que desejarem cursar um ensino superior deveriam ter livre acesso. Augusto Dorval Lopes, 26 (Belo Horizonte, MG)

Eu acredito que o vestibular é uma tentativa válida de tentar garantir um acesso justo por uma prova que engloba pessoas de diferentes realidades. Mas me questiono se a maneira como construem a prova é justa. Ou o quanto a forma de correção da redação, as vezes, limita a compreensão de mundo do candidato em prol das indústrias regras que precisam ser seguidas. Natanda Coelho Galvão, 19 (Santarém, PA)

Não, pois essa comparação só beneficia quem tem facilidade de absorver conteúdos específicos. Otávio da Silva Assunção, 19 (Caxias do Sul, RS)